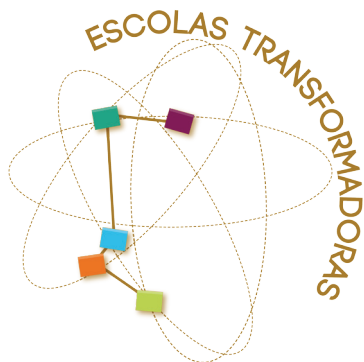




PELOS CAMINHOS DA TRANSFORMAÇÃO

A PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR

Dedicamos este e-book à nossa querida colega e amiga Maria da Conceição Martins, que tão bem acompanhou este projeto, ao longo dos últimos anos. O seu sentido de responsabilidade e compromisso e o seu espírito crítico, muito nos ajudaram a refletir e a encontrar caminhos e possibilidades quer para o projeto e pessoas envolvidas, quer para a própria construção deste e-book. Estamos seguras de que ficaria contente com o resultado final. Obrigada, Conceição!

ÍNDICE

Introdução	4
Metodologia	6
Resultados	7
Síntese e discussão de resultados	8
Reflexões e pistas para o futuro.	10
Práticas	12
IPBeja	13
ESE IPBragança	15
ESE IPSantarém	18
ESE IPViana do Castelo	21
Referências bibliográficas.	24

INTRODUÇÃO

O projeto Escolas Transformadoras (ET)¹ reúne uma Organização da Sociedade Civil - a Fundação Gonçalo da Silveira (FGS) - e quatro Instituições de Ensino Superior (IES) - Instituto Politécnico de Beja, Escola Superior de Educação de Bragança, Escola Superior de Educação de Santarém e Escola Superior de Educação de Viana do Castelo - em torno da reflexão e ação sobre o papel da Educação para o Desenvolvimento / Educação para a Cidadania Global (ED/ECG) nas IES, nomeadamente na formação inicial e contínua de agentes educativos vários. Ao longo dos últimos anos, temos criado espaços de reflexão e de ação sobre o que é uma Educação Transformadora e como pode a Escola contribuir para transformar a realidade que a rodeia, num contexto social, político, económico e ambiental cada vez mais exigente.

Um dos princípios essenciais para que essa transformação ocorra, no nosso entendimento, é o envolvimento e a participação de estudantes e, como tal, isso tem sido uma prioridade do projeto, desde a sua primeira edição, iniciando-se com propostas pedagógicas e metodológicas em sala de aula, onde o seu envolvimento era feito através da integração curricular da ED/ECG (2018-2020). A segunda edição do projeto (2021-2023) traz um avanço significativo neste caminho, ao serem criados os Núcleos de Aprendizagem em ED/ECG nas instituições, onde participa toda a comunidade educativa, incluindo estudantes. Aqui, a participação de estudantes é materializada a partir do seu envolvimento nestes Núcleos, bem como na idealização e implementação dos planos de ação que começam a nascer a partir dos Núcleos e da vivência de estudantes na instituição. É, ainda, durante estes anos que se realiza o processo de auscultação que aqui apresentamos, onde o principal objetivo foi o de analisar as perceções das e dos estudantes relativamente à ED/ECG, bem como as necessidades e propostas que sentiam ser importantes implementar nas suas instituições, facultando-nos algumas pistas e possibilidades de caminhos coletivos na efetivação dessa participação que se desejava (e deseja) ser real. Os próprios planos de ação vão dando resposta às necessidades levantadas na auscultação, permitindo trabalhar a partir do concreto e trazer uma intenção bastante mais fundamentada. Já a terceira edição do projeto, reforça esta participação com a manutenção e a consolidação dos Núcleos de Aprendizagem em ED/ECG e seus planos de ação, no seio das instituições, bem como a ligação à comunidade envolvente por via da extensão crítica, concretizada, por exemplo, através de estágios curriculares, mas também de outras iniciativas abertas à comunidade.

Este processo de auscultação a estudantes e os exemplos de práticas que foram surgindo a partir desse diagnóstico, como forma de lhe dar resposta, partiu de um sentimento de incompletude por parte da equipa de projeto que, depois de dinamizar, na primeira edição, um diagnóstico em ED/ECG a docentes das diferentes IES envolvidas, sentiu que seria muito importante conduzir um processo similar com estudantes no sentido de ter um panorama mais apurado no que diz respeito ao espaço que a ED/ECG ocupa e/ou pode ocupar nas IES. Neste sentido, a auscultação desenvolvida permitiu ir além do espaço consagrado a docentes, ouvindo e entendendo o que têm a dizer as e os estudantes e, a partir deste espaço de escuta intencional, possibilitar o seu maior envolvimento no planeamento e na implementação dos planos de ação por cada Núcleo

¹ Saiba mais sobre o projeto [aqui](#).

de Aprendizagem em ED/ECG. Este processo forneceu não só dados concretos sobre interesses temáticos e participativos como, posteriormente, abriu espaço à participação diversificada, sobretudo na implementação das atividades pelos Núcleos.

Embora cientes de que o envolvimento de estudantes é importante e coerente com os processos educativos de ED/ECG a que nos propomos, estamos conscientes de que esta participação é dinâmica e muito distinta de território para território, assumindo vários tempos e formatos, consoante as características de cada instituição e comunidade. Há caminhos e aprendizagens partilhados, assim como dificuldades e constrangimentos comuns que vão surgindo e que nos desafiam a uma reflexão, avaliação, reconfiguração e redefinição constantes.

No *webinar*² *Pelos Caminhos da Transformação: a participação de estudantes no Ensino Superior*, dinamizado pelo projeto, partilhou-se o percurso que a parceria tem feito neste âmbito, nomeadamente as aprendizagens e as práticas de participação de estudantes e os elementos-chave que as facilitam (ou dificultam, em caso de ausência), nomeadamente a importância da horizontalidade das relações no ambiente académico; a inclusão de toda a diversidade que o compõe; o sentimento de pertença; o papel ativo da comunidade (socio)educativa nos processos e projetos das instituições; a desconstrução da cultura de não participação; a existência de direções comprometidas; e a criação de espaços educativos inclusivos, equitativos e colaborativos que estimulem o envolvimento crítico e ativo de toda a comunidade académica, incluindo de estudantes.

Neste *e-book*, pretendemos partilhar os principais resultados desta auscultação, bem como algumas reflexões e pistas sobre o envolvimento de estudantes em processos de ED/ECG no ensino superior e, especificamente, nas IES parceiras deste projeto. Chamamos a atenção para a igual importância da leitura das práticas selecionadas e aqui partilhadas, bem como da escuta da memória do referido *webinar*, uma vez que ambos complementam os dados da auscultação e ilustram parte do processo de envolvimento de estudantes que se tem tentado fazer no âmbito do projeto ET.



² Pode consultar a memória deste *webinar* [aqui](#).

METODOLOGIA

No decorrer do projeto Escolas Transformadoras, considerou-se necessário proceder a uma auscultação a estudantes com o objetivo de analisar as perceções relativamente à ED/ECG, bem como as necessidades e propostas que sentiam ser importantes implementar nas suas instituições.

Na persecução do objetivo proposto, optou-se por uma abordagem metodológica descritiva que conciliasse uma vertente mais estruturada e quantitativa e uma outra vertente mais aberta e qualitativa. Neste sentido, utilizaram-se dois instrumentos de recolha de dados: um inquérito por questionário³ e um mural participativo.

O inquérito por questionário permitiu auscultar um maior número de estudantes e perspetivar, de uma forma geral, a sua familiaridade com as temáticas, metodologias e práticas de ED/ECG nas diferentes IES.

O inquérito por questionário foi administrado em suporte digital, através de um formulário *on-line*. Cada equipa das diferentes IES ficou responsável por apresentá-lo às/aos estudantes do seu território, explicar o âmbito e objetivos do referido instrumento de recolha de dados e convidar à participação na auscultação. De referir, ainda, que a participação de estudantes foi voluntária e informada e que, em todo o processo de recolha e tratamento de dados, o anonimato de quem participava foi assegurado. Na totalidade dos quatro territórios, foram recolhidos 1069 inquéritos por questionário, distribuídos da seguinte forma: Instituto Politécnico de Beja - 220 questionários; Escola Superior de Educação de Santarém - 149; Escola Superior de Educação de Viana do Castelo - 171 e Escola Superior de Educação de Bragança - 529.

Para complementar a informação recolhida através do inquérito por questionário, a equipa do projeto considerou ser vantajosa a recolha de dados através de um instrumento de natureza qualitativa, com o objetivo de permitir (e incentivar) a participação da comunidade educativa de uma forma menos estruturada, de modo a permitir a cada pessoa expressar a sua perspetiva de uma forma mais livre. Neste sentido, considerou-se que se realizaria um mural em cada uma das IES com a intenção de dar visibilidade à diversidade de opiniões sobre áreas de interesse e identificar necessidades no âmbito da ED/ECG. Para atingir este desígnio foram criados os Murais Participativos⁴ e foram apresentados às comunidades educativas com a seguinte frase mobilizadora “A nossa escola pode ser um motor de transformação social se...”. Na totalidade dos quatro territórios, foram recolhidos 451 contributos nestes murais, distribuídos da seguinte forma: Instituto Politécnico de Beja - 211; Escola Superior de Educação de Santarém - 121; Escola Superior de Educação de Viana do Castelo - 51 e Escola Superior de Educação de Bragança - 68.

³ O inquérito por questionário pode ser consultado [aqui](#).

⁴ As respostas aos Murais Participativos podem ser consultadas nas seguintes ligações: [IPBeja](#), [ESE-Santarém](#), [ESE-Viana do Castelo](#) e [ESE-Bragança](#).

RESULTADOS

O inquérito por questionário que foi aplicado teve como objetivo contribuir para um diagnóstico nas quatro IES parceiras, a fim de identificar e reforçar aprendizagens, competências e práticas de ED/ECG e criar e dinamizar espaços de diálogo, partilha e reflexão entre os diversos atores educativos.

No âmbito deste *e-book*, apresenta-se, aqui, uma breve síntese geral de alguns dos elementos mais significativos dos quatro territórios. Recomenda-se, porém, a leitura do documento completo⁵, onde constam os dados detalhados de cada uma das IES.

Em todos os territórios, a maioria das e dos estudantes que responderam ao questionário frequentavam, à data, diversos cursos de 1º ciclo de estudos - Licenciatura. De forma menos expressiva, participaram, ainda, estudantes de mestrado e TeSP (Curso Técnico Superior Profissional).

Acerca da familiaridade com o conceito de ED/ECG, a maioria das pessoas inquiridas revela conhecimento acerca do mesmo, sendo a percentagem de desconhecimento ou pouca familiaridade pouco expressiva. Já no que respeita ao contexto onde as pessoas inquiridas tomaram contacto com o conceito, o meio académico é o mais expressivo, em todos os territórios (sempre acima dos 80%), seguido das redes sociais/comunicação social e meio familiar. Os contextos menos referidos, em todos os territórios, são o profissional e o associativo (com percentagens inferiores a 15%).

No que diz respeito às dimensões que as e os estudantes consideram serem as mais importantes a serem trabalhadas nas IES que frequentam, as mais referidas foram os processos de aprendizagem, o pensamento crítico e as abordagens experienciais e participativas. Já as dimensões menos referidas foram a alteridade, a dimensão política e a dimensão coletiva. Quando se trata das dimensões identificadas nas práticas das instituições, as pessoas inquiridas enumeram como sendo “consideradas fundamentais” ou “muito trabalhadas”: os processos de aprendizagem, o pensamento crítico, as abordagens experienciais e participativas, bem como a abertura à comunidade. A dimensão política e a alteridade são as dimensões que são mais referenciadas como sendo “nada” ou “pouco” trabalhadas.

Quanto aos espaços onde estas dimensões são mais trabalhadas, as Unidades Curriculares (UC) aparecem como sendo o contexto mais privilegiado, seguido dos projetos. Com menor expressão, surgem as atividades extracurriculares, as palestras e conferências, as comissões de curso, a família e o trabalho.

Quando inquiridas sobre as temáticas que mais gostariam de ver trabalhadas nas instituições, as pessoas sugeriram o racismo e a xenofobia, os direitos humanos, a igualdade de género, a pobreza e desigualdades, a inclusão e o *bullying*. As temáticas menos referenciadas em todas as instituições foram o desenvolvimento, as interdependências e globalização e o envelhecimento.

Sobre o interesse em participar em iniciativas ED/ECG nas instituições, a maioria das e dos estudantes manifestam interesse e vontade em participar em iniciativas destas. No entanto, quando questionadas sobre o interesse em organizar alguma iniciativa, revelam muito menos interesse.

⁵ O documento completo com a análise dos dados, por IES, pode ser consultado [aqui](#).

SÍNTESE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Conforme se pode analisar a partir dos resultados apresentados sobre a auscultação feita às e aos estudantes nos quatro territórios, a partir do inquérito por questionário, parece existir, no geral, uma razoável ou elevada familiaridade percebida pelas e pelos estudantes relativamente ao conceito de ED/ECG e suas temáticas, em qualquer um dos territórios. Segundo a auscultação levada a cabo, o contacto com a ED/ECG tem sido feito sobretudo no âmbito das unidades curriculares, de projetos e de estágios (no caso de Bragança, de Viana do Castelo, de Santarém e de Beja), mas também da Associação de Estudantes (no caso de Bragança). Estes resultados são muito positivos, no sentido em que revelam que o trabalho feito no âmbito do projeto Escolas Transformadoras e de cada um dos Núcleos de Aprendizagem, desde a sua primeira edição, em 2018, tem dado frutos. Com efeito, um dos objetivos que levou à concretização deste projeto foi precisamente o de integrar, mais deliberadamente, a ED/ECG nas práticas e nos currículos do Ensino Superior. Como sumariado em Raposo et al. (2022, p. 660):

por um lado, assumimos o pressuposto que a escola tem um papel essencial na transformação social, quer nos territórios locais e no quotidiano, quer atendendo ao seu potencial de transformação, reflexão e ação a nível global, a partir dos princípios de ação inerentes à Educação para o Desenvolvimento/Educação para a Cidadania Global (ED/ECG). Por outro lado, pretendemos a partir da perspetiva de integração da ED na formação inicial de futuros/as educadores/as, promover a capacidade do ensino superior para potenciar os efeitos multiplicadores da ED através dos espaços letivos e curriculares.

No que concerne à importância das dimensões a serem trabalhadas, no IPBragança considera-se que é fundamental trabalhar o processo de aprendizagem, o pensamento crítico e os princípios éticos, sendo que as e os estudantes consideram que, na instituição, se estão a trabalhar as duas primeiras áreas listadas, assim como a abordagem experiencial e participativa. Na ESE-IPVC, as dimensões a serem trabalhadas, e que as/os estudantes consideram que estão efetivamente a ser trabalhadas, incluem igualmente o pensamento crítico, os processos de aprendizagem, a abordagem experiencial e participativa, e os princípios éticos, mas também a abertura à comunidade e a dimensão coletiva. Já na ESE de Santarém, os princípios éticos e o pensamento crítico são eleitos fundamentais, assim como o processo de aprendizagem, a abertura à comunidade e a abordagem experiencial e participativa; em contraponto, deveriam ser trabalhados o processo de aprendizagem, a abordagem experiencial e participativa, assim como a dimensão coletiva, o pensamento crítico, a abertura à comunidade e a alteridade. Em Beja, também se considera essencial trabalhar o processo de aprendizagem, os princípios éticos, a abertura à comunidade, a abordagem experiencial e participativa e a dimensão coletiva, sendo que se avalia que as três primeiras dimensões já se estão a trabalhar. No geral, constata-se que, no que toca ao aprofundamento da ED/ECG, as e os estudantes gostariam de desenvolver áreas de competência como o pensamento crítico, aprofundar princípios éticos que permitam nortear a conduta moral, contactar com um processo de aprendizagem que inclua uma abordagem experiencial e participativa e, ainda, potenciar a sua abertura à comunidade e à alteridade. Com efeito, estas são dimensões que se potenciam mediante a ED/ECG e que cada Escola deverá proporcionar às e aos estudantes, para uma plena educação cidadã (Fernandes et al., 2020).

Com os olhos postos no futuro, as temáticas que as e os estudantes gostariam de ver trabalhadas na instituição são múltiplas, incluindo: racismo e xenofobia (Bragança, Viana do Castelo, Beja), Direitos Humanos (Bragança, Viana do Castelo, Beja), igualdade de género (Bragança, Viana do Castelo, Santarém, Beja), pobreza e desigualdades (Bragança, Viana do Castelo, Beja) e, também, inclusão (Bragança, Viana do Castelo, Santarém) e *bullying* (Viana do Castelo). Nos quatro territórios, as e os estudantes referem ter forte interesse em participar em iniciativas sobre estas temáticas – tal como palestras, fóruns, colóquios, cimeiras, conferências, palestras e debates, oficinas, idas a contexto, experiências reais e interação comunitária, desenvolvimento de projetos e campanhas/ações de sensibilização e/ou voluntariado –, ainda que não necessariamente em organizar tais atividades.

Podemos fazer, pelo menos, duas leituras a partir destes dados. Por um lado, o reconhecimento, por parte das e dos estudantes, de que a Escola é um espaço colaborativo de formação sobre estas temáticas, o que inclui formação acreditada para professoras/es em contexto e, também, formação inicial para estudantes que serão futuramente professoras e professores. Importa, contudo, para além desta integração curricular, haver momentos e espaços de formação não-letiva na Escola em que se possam aprender, mediante conferências, fóruns ou debates, sobre as várias temáticas do foro da ED/ECG (Fernandes et al., 2020). Por outro lado, ainda que as e os estudantes tenham interesse em participar nestas atividades, não mostram idêntico interesse em organizar tais iniciativas. Tal é coerente com o desafio percebido nos quatro territórios, desde a génese do projeto (com a sua primeira edição entre 2018 e 2020), de envolver estudantes nos Núcleos de Aprendizagem em ED/ECG e de assegurar a sua participação na ideação e concretização do plano de ação anual. Tal participação é crucial, tendo em vista que são as e os estudantes quem deverá assumir o papel principal nos seus processos formativos de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal, social e profissional. Como refere Andreotti (2014), no seu seminal artigo sobre como é e como deverá ser a ECG, devemos transitar de uma ECG “suave” para uma ECG crítica, em que cada indivíduo-aprendiz desenvolve “Pensamento crítico, independente e informado e ação ética e responsável” (p. 63) e se torna, portanto, capaz de “Analisar a sua própria posição/contexto e participar na mudança de estruturas, ideias, identidades, atitudes e relações de poder no seu próprio contexto” (p. 63). Deste modo, para incentivar e apoiar cada estudante a sentir-se e saber-se parte de um processo de aprendizagem colaborativo e transformativo, é necessário continuar a trabalhar com (e não mormente para) as e os estudantes, para que ocupem o seu espaço na Escola e façam escutar a sua voz, participando nos processos de tomada de decisão.

REFLEXÕES E PISTAS PARA O FUTURO

O Projeto Escolas Transformadoras foi sem dúvida um trunfo na aproximação de docentes, não docentes e estudantes no contexto das IES, elementos de uma mesma comunidade educativa que, frequentemente e por razões várias e distintas, se viam confinados em ilhas e ao desenvolvimento de trabalho em grupos fechados. A partilha e a intencionalidade do trabalho colaborativo entre diferentes agentes permitiu compreender, de modo mais abrangente, as IES bem como a sua relação com a comunidade envolvente.

A ideia de que a ED/ECG é uma construção quotidiana que se faz com todas e todos os elementos das instituições, em conjunto com parceiros da comunidade, mas também de âmbito nacional e internacional, foi inovadora e trouxe frutos ao nível da discussão de problemas comuns e da definição de aspetos institucionais, organizacionais e pessoais que urgia transformar. Repensaram-se UC e conteúdos curriculares, criaram-se sinergias entre diferentes IES e diferentes pessoas nas várias IES, estabeleceram-se pontes entre projetos que propunham e desenvolviam ações sem interação direta com outros e, sobretudo, refletiu-se acerca da intencionalidade das práticas levadas a cabo nas e com as diferentes instituições; repensaram-se os espaços em função de relações mais próximas e mais horizontais em contexto de sala de aula e ganhou-se uma maior consciência relativamente ao pensamento crítico com e entre agentes das IES.

Embora numa escala que não pode ser generalizada e respeitando as particularidades de cada IES, pode afirmar-se, grosso modo, que com este projeto a academia “obrigou-se” a olhar para dentro de si e, ao fazê-lo, repensou a relação com a comunidade e o modo como se estava (ou não) a fazer a extensão crítica, conceptualizando-a como um processo educativo, num tempo longo, em que as trocas entre os saberes académicos e sociais práticos, trazem vantagens mútuas. Este modelo visa conectar os aspetos sociais, culturais e científicos de uma região, articulando os processos de ensino e aprendizagem com a pesquisa feita com base na comunidade envolvente, mais ou menos próxima, e que se devolve à sociedade, em linguagem acessível. Pretende-se construir ciência em conjunto, partilhá-la e torná-la mais inclusiva no que concerne a instituições, grupos e pessoas. Consegue-se, deste modo, uma verdadeira interação entre diferentes níveis de construção da realidade, diferentes perceções e diferentes mundivisões, contribuindo para a consciência da visão política da sociedade e para a construção de modelos de transformação, ainda que por diferentes caminhos, mas sempre feitos de respeito mútuo. Contribuiu-se para a construção da cidadania, sem a qual a verdadeira democracia não é possível.

O projeto Escolas Transformadoras mostrou, a quem dele fruiu e a quem o partilhou, que podemos, ora convergir ora divergir, acolhendo diferentes formas de olhar e sentir a realidade e que é possível construir a mudança de formas múltiplas e variadas, com os ritmos de cada instituição e de cada grupo e, ainda assim, reconhecer-mo-nos em propostas de ação do que para todos, mas também para cada um(a), se entende por bem comum.

Os desafios futuros são vários. Desde logo cimentar o caminho percorrido pelas IES, extraordinariamente mutáveis no que concerne, sobretudo, a estudantes, mas também a docentes e não docentes. As IES são lugares de população flutuante, com aspirações, sonhos, atitudes, comportamentos e visões diferentes que, a cada momento, tornam os diagnósticos desatualizados – vivem em tempos e ritmos múltiplos cruzando expectativas de quem entra, de quem ainda está,

PRÁTICAS

Neste capítulo, apresentamos quatro exemplos de práticas, selecionadas por cada uma das instituições, que refletem a participação e o envolvimento de estudantes, bem como o trabalho colaborativo realizado no seio dos Núcleos de Aprendizagem EDCG das ESE/IP, dos quais fazem parte estas e estes estudantes, juntamente com docentes, não docentes, outro pessoal técnico e Organizações da Sociedade Civil.



IPBEJA

O QUE FOI FEITO?

Apresentação do Projeto Escolas Transformadoras (ET) como trabalho Project Based Learning (PBL) no âmbito da Universidade Europeia HEROES

COM QUEM?

UE/HEROES (Universidade Europeia- HEROES) - Reunião de trabalho WP 4/ Challenge Based Learning (CBL) - com as seguintes instituições: Seinäjoki University of Applied Sciences (Finlândia); University College of Northern Denmark (Dinamarca); Halmstad University (Suécia); Vilniaus Kolegija (Lituânia); Fonthys University of Applied Sciences (Países Baixos); Thomas More University of Applied Sciences (Bélgica); Deggendorf Institute of Technology (Alemanha) e Mendel University (Chéquia).

DURANTE QUANTO TEMPO?

Apresentação de 45 minutos integrada na apresentação IPBeja

PORQUE FOI FEITO?

Apresentações do Projeto como trabalho PBL - Exemplo de trabalho CBL/PBL

- a) enfoque nas dimensões coletiva e relacional, abertura à comunidade e pensamento crítico, apresentando a abordagem experiencial e participativa como atitude, relativamente aos desafios que os membros da equipa ET iam encontrando e percebendo, na comunidade IPBeja e na comunidade envolvente.
- b) trabalhar a partir das necessidades identificadas na instituição, em espaço curricular e fora dele e, no âmbito da comunidade envolvente;
- c) trabalhar a partir dos desafios da extensão crítica - com a comunidade;
- d) levar o projeto a parceiros internacionais, criando sinergias.

QUE DESAFIOS FORAM ENCONTRADOS?

Apresentação sucinta e sem muito tempo para discussão acerca das propostas e resultados do projeto ET - nomeadamente para discussão de conceitos de ED/ECG e apresentação das 8 dimensões propostas pelo Projeto ET.

Como poderia ser/foi avaliada?

Avaliada positivamente, sendo que alguns dos participantes (p.ex. Thomas More), referiram estar a trabalhar na mesma linha e preocupando-se com as questões éticas da formação das e dos estudantes.

QUE OPORTUNIDADES TROUXE A ATIVIDADE?

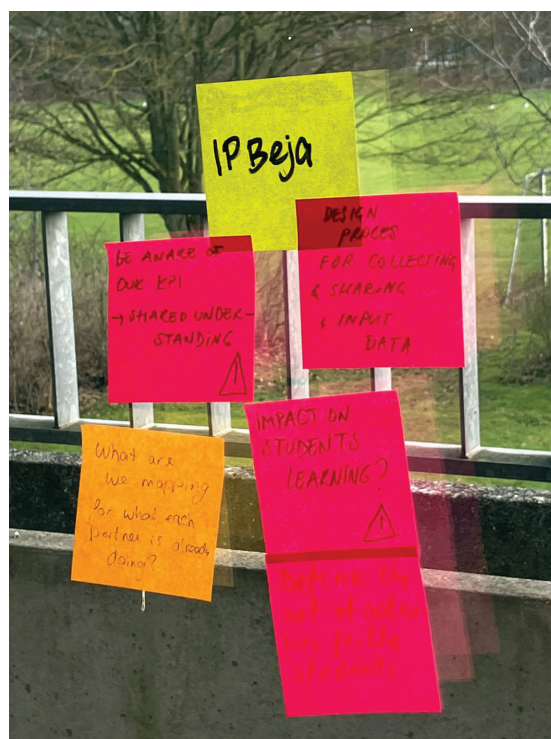
- Mostar a parceiros internacionais o modo como nos posicionamos, em termos de projeto ET, face aos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior e de que forma desejamos transformar a comunidade e as Unidades Orgânicas do IPBeja no sentido de alargar as práticas CBL/PBL.
- Receber retorno dos parceiros relativamente ao trabalho desenvolvido e às práticas partilhadas.

QUE APRENDIZAGENS FORAM REALIZADAS?

Há outras instituições com a mesma preocupação de transformar as IES e dar maior importância às questões de cidadania global.

QUE PISTAS PARA O FUTURO NOS DEIXOU?

- A possibilidade e interesse de, no âmbito desta parceria, voltar a aprofundar as dinâmicas, temáticas e dimensões da ED/ECG;
- A possibilidade e interesse de voltar a apresentar o projeto no âmbito da Rede Europeia de Educação KASTALIA.



ESE IPBRAGANÇA

O QUE FOI FEITO?

No dia 16 de maio de 2024, no auditório da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, assinalou-se o IDAHOBIT – Dia Internacional de Luta contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia, através de uma roda de conversa/*workshop* dedicada à diversidade sexual e de género no Ensino Superior.

COM QUEM?

A roda de conversa, organizada pelo Núcleo de Aprendizagem em Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global, contou com a participação das estudantes Kara Pietra e Lana Pereira e com a apresentação dos resultados da investigação “Onde estão essas pessoas?”, da autoria do investigador André Brasil, membro do Núcleo.

DURANTE QUANTO TEMPO?

Embora inicialmente agendado para apenas uma hora, o evento prolongou-se ao longo de toda a tarde, revelando um impacto que transcendeu a sua duração cronológica. Criou-se um espaço de escuta ativa e empatia, onde o conhecimento académico se entrelaçou com a experiência vivida, permitindo que a reflexão coletiva emergisse de forma natural e profunda, ocupando o espaço com sentido e propósito.

PORQUE FOI FEITO?

A realização desta atividade procurou visibilizar as experiências de pessoas trans no contexto do ensino superior, através da apresentação da investigação feita na área e, simultaneamente, partilhar experiências vivenciadas por mulheres trans no ensino superior. A escolha da temática e a organização da roda de conversa sublinha, de forma intencional, as questões da luta pela afirmação da identidade e da diversidade de género, assim como para a tomada de consciência da existência de violências múltiplas a que muitas pessoas se encontram ainda sujeitas. Foram, ainda, discutidas estratégias e ações para afirmar e efetivar os direitos humanos fundamentais e da não discriminação em função da identidade e expressão de género.

QUE DESAFIOS FORAM ENCONTRADOS?

Um dos maiores desafios enfrentados na realização deste evento foi o de sair da bolha — ultrapassar os limites do público já sensibilizado e envolvido com as questões da diversidade sexual e de género. Por mais impactante e transformador que o encontro tenha sido, tornou-se evidente que, muitas vezes, se fala para quem já está predisposto a ouvir, dialoga-se com quem já compreende e já se sente parte integrante da causa.

COMO PODERIA SER/FOI AVALIADA?

O balanço do evento foi extremamente positivo. A avaliação pode ser feita a partir da potência das trocas geradas, da qualidade da escuta ativa e do impacto afetivo e político sentido pelas pessoas presentes. Cada gesto de empatia, cada olhar atento, cada pergunta colocada funcionou, por si só, como um indicador qualitativo de sucesso, em que podemos destacar, ainda, a partilha espontânea de experiências por parte do público, que evidenciou a construção de um espaço seguro de escuta, diálogo e acolhimento, envolvendo de forma genuína toda a comunidade participante.

Para além disso, salienta-se que, a partir deste encontro, começou a construir-se uma rede de colaboração com uma organização local – Arco Íris Bragança – que desenvolve trabalho comunitário no âmbito da inclusão LGBT+, criando pontes entre a academia e a comunidade envolvente e ampliando o impacto social da iniciativa.

Outro sinal relevante da receptividade e da importância do evento foi a solicitação, por parte da Direção da Escola Superior de Educação, de propostas de ações concretas para promover a inclusão e o acolhimento no contexto institucional. Esta abertura revela um compromisso efetivo com a continuidade do trabalho iniciado.



QUE OPORTUNIDADES TROUXE A ATIVIDADE?

Este evento abriu uma janela para o futuro e, atualmente, integra o calendário acadêmico da Escola Superior de Educação, afirmando-se como uma prática institucional contínua e significativa. Foram criadas pontes sólidas entre teoria e prática, entre investigação e vivência, entre academia e comunidade, sempre com atenção à horizontalidade das relações. Houve espaço para repensar políticas institucionais mais inclusivas, reforçar a importância da formação contínua de docentes e consolidar o papel das instituições de ensino como espaços democráticos, comprometidos com a equidade e a justiça social.

QUE APRENDIZAGENS FORAM REALIZADAS?

Este *workshop* foi concebido como uma intervenção crítica, simbólica e concreta no panorama do ensino superior, reafirmando que o combate à homofobia, transfobia e bifobia é, também, uma responsabilidade ética e institucional das comunidades acadêmicas. Ao assumir-se essa postura, foi possível perceber a existência de desafios invisíveis e presentes no cotidiano do ensino superior, onde o peso de sistemas normativos insiste em padronizar corpos e identidades e demonstram a necessidade constante de traduzir experiências pessoais em discursos compreensíveis para públicos ainda em processo de desconstrução e compreensão sobre o tema, diante do cansaço emocional de quem sempre precisa justificar a sua existência.

QUE PISTAS PARA O FUTURO NOS DEIXOU?

Deste modo, a realização de iniciativas como esta revela-se urgente e necessária, num tempo em que se torna imperativo (re)pensar e ressignificar a educação como um espaço verdadeiramente inclusivo, onde a escola e a universidade não podem continuar a ser territórios de apagamento ou exclusão.

RECURSOS UTILIZADOS OU CRIADOS

Recomendações políticas e administrativas para um Ensino Superior mais inclusivo, retiradas do estudo: “Onde estão essas pessoas? Uma abordagem sobre a ausência e o apagamento de pessoas trans no ensino superior europeu (Páginas 88 e 89)”. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10198/29014>

ESE IPSANTARÉM

O QUE FOI FEITO?

O projeto “Let’s Make a Change!” foi realizado no âmbito do estágio de 3º ano em Educação Social, da Escola Superior de Educação de Santarém. Dentro deste projeto foi desenvolvido o *podcast*, “Let’s Talk About...”.

Este *podcast* contou com 8 episódios:

- Introdução;
- Conceito e Núcleo de Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global;
- Entrada no Mercado de Trabalho;
- Programa de Voluntariado ESES+;
- Academia de Líderes Ubuntu;
- Igualdade de Género;
- Experiência Profissional em Educação Ambiental;
- Associação All4Integrity.

Esteve ainda para ser lançado um episódio que acabou por não se realizar - Valorização das funções dos não-docentes.

COM QUEM?

O *podcast* contou com a colaboração de estudantes, ex-estudantes, docentes, técnicos superiores da ESES e profissionais de várias áreas.

DURANTE QUANTO TEMPO?

O *podcast* foi realizado durante todo o 2º semestre de 2023/2024 e continua disponível no Instagram do CAP. @cap_eses

PORQUE FOI FEITO?

Um dos maiores desafios identificados no decorrer da fase de diagnóstico foi a pouca participação voluntária de estudantes nas atividades da instituição e, portanto, para tentarmos ultrapassar esta barreira, decidimos criar um *podcast*. A ideia era simples: disponibilizar informação de forma contínua e sem constrangimentos, para que as/os estudantes pudessem aceder aos conteúdos quando quisessem.

QUE DESAFIOS FORAM ENCONTRADOS?

A divulgação nas redes sociais do IPSantarém foi, por vezes, desafiante e acredito que teria sido benéfico haver uma partilha de todos os episódios nas plataformas da instituição. Outro desafio, foi a insegurança de não conseguir chegar a todas e todos estudantes de Educação.

COMO PODERIA SER/FOI AVALIADA?

O *podcast* teve uma avaliação *on-going*. No final de todos os episódios, fora de câmera, era feita uma avaliação com cada pessoa convidada. Foram lançados dois questionários, abertos a toda a comunidade acadêmica da ESES. As dimensões desta avaliação foram ao encontro da divulgação, do envolvimento, dos conhecimentos adquiridos, do formato e para sugestões. Outra forma de avaliação foi também o número de visualizações, gostos e comentários.

QUE OPORTUNIDADES TROUXE A ATIVIDADE?

O *Let's Talk About...* proporcionou a descoberta de novos projetos e programas, fomentou a colaboração e o relacionamento entre estudantes, docentes, técnicos e profissionais, permitiu o desenvolvimento de diversas *soft skills*, como a comunicação e a escuta ativa e, introduziu uma nova forma de divulgação na ESE.

QUE APRENDIZAGENS FORAM REALIZADAS?

A importância da comunicação eficaz e da escuta ativa como ferramentas cruciais para estabelecer diálogos enriquecedores e transmitir informação de forma clara. A colaboração com o corpo acadêmico e profissionais de outras áreas revelou a importância de integrar diferentes perspectivas e experiências, o que também enriqueceu todo o processo. O *feedback* constante, obtido através de avaliações presenciais ou questionários, mostrou-nos o valor de ajustar continuamente o nosso método de trabalho, de forma a permitir identificar pontos fortes ou possíveis áreas de melhoria.



QUE PISTAS PARA O FUTURO NOS DEIXOU?

A possibilidade de o *podcast* ser continuado e, de forma ainda mais ambiciosa, expandi-lo a outras Unidades Orgânicas do IPSantarém. O ideal seria criar uma forma de comunicação que transcenda a ESE e se transforme num espaço institucional, onde várias Unidades Orgânicas possam partilhar experiências, discutir novas temáticas e aprender umas com as outras. Para mim, isto representa não só a evolução de um projeto “pioneiro”, mas também a oportunidade de dinamizar e enriquecer o debate académico a um nível mais abrangente, aproximando comunidades e incentivando a inovação na comunicação.

RECURSOS UTILIZADOS OU CRIADOS

[Let's Talk About... – Introdução](#)

[Conceito e Núcleo de Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global](#)

[Entrada no Mercado de Trabalho](#)

[Programa de Voluntariado ESES+](#)

[Academia de Líderes Ubuntu](#)

[Igualdade de Género](#)

[Experiência Profissional em Educação Ambiental](#)

[Associação All4Integrity](#)

ESE IPVIANA DO CASTELO

O QUE FOI FEITO?

Encontros com Sabor

COM QUEM?

Estudantes, docentes, bibliotecárias, assistente operacional, técnica de projetos, elemento de organização da comunidade vianense.

DURANTE QUANTO TEMPO?

Realizaram-se 3 Encontros, cada um com a duração de cerca de 1h30.

POR QUE FOI FEITO?

O objetivo da atividade era aproximar diferentes pessoas da comunidade académica e da comunidade local, em diferentes espaços académicos (no exterior, numa sala) e da cidade (no PEU - Parque Ecológico Urbano), em torno de um lanche, a partir de uma dada temática que iniciava o diálogo (no 1.º, a 20 de março de 2024, as questões da democracia e da liberdade foram o ponto de partida; no 2.º, a 8 de maio de 2024, as questões das migrações e do sentido de pertença e integração numa comunidade; no 3.º, a 12 de julho de 2024, em torno da cartografia que aproxima diferentes comunidades - a académica e a local).

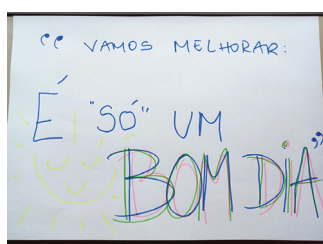


QUE DESAFIOS FORAM ENCONTRADOS?

Dois desafios principais: 1) trazer e envolver estudantes, mas não só, para este tipo de atividade (quem é docente também tem dificuldade em vir, por questões de agenda, assim como pessoas com outros papéis na ESE, por não se poderem ausentar das suas funções durante o tempo laboral); 2) querer levar as atividades para o exterior da ESE, mas isso ter impacto ao nível da reduzida participação, por não estarem tão cercanas das/dos estudantes.

COMO PODERIA SER/FOI AVALIADA?

Ainda que houvesse um formulário de avaliação disponibilizado pela FGS, não o utilizámos, por nos parecer que contrastava com a natureza do Encontro, para convívio e no nosso tempo, sem papéis e estatutos.



QUE OPORTUNIDADES TROUXE A ATIVIDADE?

- A aproximação entre pessoas com diferentes papéis na ESE e na comunidade, que poderiam não se conhecer de outro modo, num espaço sem papéis definidos.
- A possibilidade de refletir e dialogar sobre temáticas do nosso quotidiano, que apelam à ação individual e coletiva.
- O convívio entre pares.

QUE APRENDIZAGENS FORAM REALIZADAS?

- A importância de envolvermos as e os estudantes desde o início, no próprio planeamento da atividade, de modo que participem efetivamente e para atraírem outras e outros colegas a participar.
- A importância de haver um tema a partir do qual se começa a conversa e de se incluir uma parte mais prática na atividade (no 1.º Encontro, o ter-se começado escutando uma canção; no 2.º Encontro, o ter-se começado a escutar a leitura de um texto, seguido de um pedido para desenhar e escrever; no 3.º Encontro, ter sido um trabalho prático de reformular a cartografia a partir do recorte de imagens e de colá-las.)

QUE PISTAS PARA O FUTURO NOS DEIXOU?

A necessidade de incluir as e os estudantes, o que implica auscultar, escutar, envolver, deixar coordenar, decidir, dinamizar.

RECURSOS UTILIZADOS OU CRIADOS

No 1.º Encontro, uma canção de Zeca Afonso; no 2.º Encontro, a partir de um texto escrito pela estudante de Artes, Mariana, cada participante desenhou o seu conceito de “casa”, para iniciar a conversa; no 3.º Encontro, a cartografia iniciada no Encontro de Núcleos.

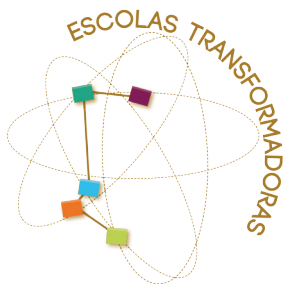


REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andreotti, V. O. (2014). Educação para a cidadania global – Soft versus critical. *Sinergias – diálogos educativos para a transformação social*, 1, 57-66.

Fernandes, S., Gonçalves, T., Silveira, M., Uva, M., Marques, H., Coelho, L. S., Raposo, A., Piedade, A., André, C., Teixeira, L., Fernandes, J. P., & Colaço, S. (2020). Escolas transformadoras: Uma experiência de colaboração como contributo para novos paradigmas educativos. In R. P. Lopes, C. Mesquita, E. M. Silva, & M. V. Pires (Eds.), *V Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): Livro de atas, Bragança* (pp. 904-913). Instituto Politécnico de Bragança. ISBN 978-972-745-276-7. Disponível em <http://hdl.handle.net/10198/20081>

Raposo, A., Piedade, A., Silveira, M., Pataca, T., Martins, C., Rodrigues, M. J., Bergano, S., Marques, H., Lacerda, I., Fernandes, S., Uva, M., Teixeira, L., Colaço, S., Coelho, L. S., & Gonçalves, T. (2022). Escolas transformadoras: Uma oportunidade de integração institucional da educação para o desenvolvimento. In E. M. Silva, C. Mesquita, M. V. Pires, & R. P. Lopes (Eds.), *VI Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): Livro de atas, Bragança* (pp. 658-669). Instituto Politécnico de Bragança. ISBN 978-972-745-301-6. Disponível em <http://hdl.handle.net/10198/25401>



FICHA TÉCNICA

Título: Pelos Caminhos da Transformação: a participação de estudantes no Ensino Superior

Dimensão: 25 páginas

Formato: eletrónico

Edição: Escola Superior de Educação do IPVC, Projeto Escolas Transformadoras

Autoria, coordenação e edição:

Amanda Rodrigues Franco, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Ana Felisbela de Albuquerque Piedade, Instituto Politécnico de Beja
Leonor de Lemos Fernandes Dias Teixeira, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
Maria Albertina Amantes Raposo, Instituto Politécnico de Beja
Maria da Conceição da Costa Martins, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança
Maria de Fátima de Sousa Pereira, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Maria Cristina do Espírito Santo Martins, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança
Marta Andreia Sousa Jacinto Uva, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém
Sandra Catarina Cadeiras Machado, Fundação Gonçalo da Silveira
Sílvia Helena Correia Franco, Fundação Gonçalo da Silveira
Sofia Maria Alves Bergano, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança
Tatiana Matos de Jesus Ferreira, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém

Execução gráfica: Diogo Lencastre

ISBN: 978-989-8756-81-7

DOI: 10.57910/ipvc-ese-978-989-8756-81-7

Lisboa, junho de 2026

Publicação desenvolvida no âmbito do projeto *Escolas Transformadoras - aprofundando o papel transformador do ensino superior através da integração da Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania Global na co-construção de conhecimento e no envolvimento das comunidades educativas*, uma iniciativa da *Fundação Gonçalo da Silveira*, em parceria com o *Instituto Politécnico de Beja*, a *Escola Superior de Educação de Bragança*, a *Escola Superior de Educação de Santarém* e a *Escola Superior de Educação de Viana do Castelo*, e co-financiada pelo *Camões - Instituto da Cooperação e da Língua*.